

# i

# Investigação

## A Interculturalidade como uma Pedagogia do Encontro

Ernesto Candeias Martins\*

### RESUMO

O autor define a educação intercultural na actual diversidade cultural e linguística europeia. Além disso aborda os princípios de uma pedagogia intercultural, considerando este tipo de pedagogia integrada nas chamadas "pedagogias de baixa densidade", que são as que promovem situações de "encontro", de relações interpessoais, de comunicação e de convivência entre as pessoas. A educação intercultural integra-se no tipo de educação não formal e informal.

Nas últimas décadas assistimos na Europa, a uma mudança nas políticas sociais e educativas, fruto da sociedade da informação e da comunicação actual, onde germina uma cultura da desigualdade na diversidade de culturas e nos modos de vida dos grupos e dos povos. Frente a este panorama surge a necessidade de reorientar a educação para a diferença cultural dentro dos sistemas educativos nacionais.

A escola, como todas as instituições sociais, não se encontra preparada para enfrentar a diversidade, a desigualdade, a indisciplina e a exclusão social (as minorias, a cultura da marginalidade, a inadaptação social, a xenofobia, etc.). Partir do multiculturalismo não supõe para a educação o caminho único de aproximação aos problemas, nem a sua solução. A resposta à diversidade e às

desigualdades, percebidas como características na sociedade europeia contemporânea, pode ser diversa e difusa.

Provavelmente, a resposta mais viável será a "interculturalidade" (Clanet, 1990), de maneira a podermos potencializar a inter-relação entre as diversas culturas, no sentido de se garantir um espaço cultural europeu comum, sem se renunciar à identidade original. Evidentemente que isto supõe um fortalecimento da comunidade de culturas, dos grupos e das nações, cuja continuidade deve estar assegurada por uma formação comunicacional e ética relacional dos indivíduos, dada na escola, lugar essencial da acção educativa intercultural [1].

Vivemos num contexto europeu a caminho da interculturalidade, de modo a construirmos uma reali-

\*Docente da Escola Superior de Educação de Castelo Branco (ESECB), Doutor em Ciências da Educação

dade comum, habitada pela diversidade de povos, de línguas e de culturas. De facto, a educação será intercultural desde que se potencialize a inter-relação entre as pessoas de distintas culturas e origens sociais, garantindo situações de "encontro" e de relações de convivência, mas sem perda da sua identidade. De facto, a educação do intercultural implica um enfoque intercultural da educação, isto é, uma pedagogia intercultural (contra a desigualdades, a exclusão social e étnica, o racismo, a xenofobia, as injustiças sociais e económicas, a discriminação, etc.), que possa incidir na cultura e na formação pessoal e social dos indivíduos (rede de convivência de "baixa densidade").

A pedagogia intercultural é, quanto a nós, um aspecto das chamadas *pedagogias de baixa densidade*. Estas pedagogias (opostas às pedagogias de "alta densidade") não são apenas um novo discurso ético-cultural dentro dos currículos escolares, nem das práticas pedagógicas nem do quotidiano social mas sim uma pedagogia da "improvisação", da inovação pedagógica e da convivência interpessoal (aproxima-se ao sentido da educação informal) que, enquadrando os objetivos da escola cultural e da sociedade da informação, deve promover a participação, a comunicação, as relações pessoais e a cooperação, e configurar as ações educativas entre as pessoas e os povos [2].

Trata-se de uma "*pedagogia do encontro*" que cria situações educativas facilitadoras da aproximação afectiva, emocional e sensível entre os sujeitos de diferentes culturas, entre as tarefas educativas, no desporto, na satisfação dos interesses educativos, nos tempos livres, no turismo, na pedagogia do trabalho e das relações comerciais, etc., isto é, em situações de "*baixa densidade*", as quais são espontâneas e pouco estruturadas ou sistematizadas.

Partimos do pressuposto de que, se queremos conhecer bem a nossa cultura e se queremos potenciar a nossa identidade, será imprescindível abrimo-

-nos às realidades diferentes, sejam elas europeias, de expressão lusófona ou universais. Uma das maneiras de nos conhecermos a nós próprios como cultura de dimensão universal consiste em conhecer as culturas dos "outros", já que nos obriga a prestar atenção a certos aspectos da vida quotidiana que delas nos diferenciam ou nos identificam (Montani, 1991: 320-326). Aspiramos a respeitar a diversidade dos povos, as culturas e as realidades que integram um espaço cultural, uma região, um país ou estado (apoio a eliminar as desigualdades, a exclusão e certas manifestações sociais de desequilíbrio na sociedade).

## 1. A fundamentação

A diversidade (cultural) constitui cada vez mais um elemento de reflexão pedagógica de primeiro plano, que gradualmente acrescenta novos elementos, novas complexidades e novas possibilidades. Conceitos como "multicultural", "intercultural", "pluricultural" e "transcultural" estão integrando a linguagem pedagógica dos professores e dos meios de comunicação social, sendo indiscutível o seu carácter de eixo transversal. De facto, apesar dessa presença do discurso intercultural, actualmente, ele supõe mais um propósito duma realidade confrontada por experiências educativas, onde há mais teoria do que prática intercultural. Por isso, é enorme o desequilíbrio entre a literatura existente sobre modelos e enfoque teóricos, orientações gerais, perspectivas, etc. do que projectos educativos, desenvolvimento curricular, experiências didácticas, materiais curriculares, etc. Denunciamos o perigo que supõe o frequente uso retórico da "interculturalidade", como um discurso superficial e descontextualizado que esgota as possibilidades de reflexão mais profunda sobre a "diversidade e a globalidade cultural".

Hoje em dia é uma necessidade educativa trabalhar pela "interculturalidade" de modo a enfrentar as

situações sociais e educativas que a todo o ser humano preocupa, como, por exemplo, o racismo, a xenofobia, a intolerância, etnocentrismo de classes, emigração, etnias, marginalidade, exclusão social, etc. Contudo, o campo de intervenção da educação intercultural não se restringe a estes graves fenómenos de discriminação, também invade a escola (esta deve ser um espaço público de encontro entre culturas). A educação intercultural, numa concepção ampla, consiste na intervenção que organiza e desenvolve processos educativos sensíveis à diversidade cultural do meio envolvente, utilizando esta para vinculá-la à cultura escolar e promover simultaneamente a interacção e o intercâmbio cultural igualitário. Nesta perspectiva, a interculturalidade interessa-nos a todos, pois a todos nos compete tais objectivos educativos.

O termo "interculturalidade", de grande difusão a partir da década de 70, tem algumas relações com o de "multiculturalismo". Enquanto este último se refere à preparação e experiências dos indivíduos para as realidades sociais, políticas e económicas, através de situações e encontros humanos culturalmente diversos e complexos (Banks, 1981), o primeiro dá-se em contextos de sociedades onde coexistem diversas culturas. Há alguma confusão à volta do conceito de "interculturalidade", já que apresenta conotações de ideias que descrevem o fenómeno intercultural. Clarificando o significado do enfoque da "interculturalidade", considerando-o como um procedimento, um processo dinâmico de natureza social em que os participantes são impulsionados positivamente a serem conscientes da sua interdependência, o que implica ser uma filosofia, uma política, um pensamento, uma pedagogia sistematizadora e uma atitude axiológica ("razão axiológica") nos seres humanos.

A Europa preferiu mais o uso do termo "intercultural" (CERI/OCDE, 1987, 1989), enquanto no continente americano se difundiu o termo "multicultural" (nos EUA convivem com a "cultura dominante" uma infinidade de minorias e etnias cultur-

ais que partilham e se confundem no mesmo espaço geográfico e social com o prefixo "multi" = diversidade). A Comunidade Europeia procura um espaço supranacional comum em que a diversidade cultural, mesmo apresentando problemas, deverá gerar medidas (política comunitária) referidas ao desenvolvimento do "auto-conceito" das minorias étnicas, da privação cultural dos jovens de etnias ou classes sociais marginalizadas/desfavorecidas, à linguagem, às reformas educativas, ao pluralismo cultural, à diferença cultural nos programas e currículos escolares, etc.

Em definitivo, consideramos como princípios básicos para a implementação da educação intercultural (Aguado, 1991: 90-95; Galindo y Escribano, 1990: 16-18):

- (a) a educação intercultural promove o respeito e a tolerância por todas as culturas existentes e condena as medidas políticas de assimilação das minorias pela cultura majoritária ou dominadora;
- (b) a educação intercultural é relevante para todas as minorias e etnias culturais e classes marginalizadas;
- (c) a educação intercultural entende que nenhum problema proveniente da diversidade cultural da sociedade tem soluções unilaterais (devem ser de teor educativo na sociedade e de modo globalizador e integrador);
- (d) a educação intercultural deve promover o desenvolvimento da "transculturalidade", cuja expressão prática educativa demonstre que o conhecimento é a propriedade comum de todas as pessoas.

Encontramo-nos em sociedades pluriculturais que, desenvolvendo-se sob parâmetros de comportamentos etnocêntricos, vão superando as limitações sob uma tendência progressiva que implica uma concepção universalista dos problemas que afectam os seres humanos. A solidariedade na educação intercultural configura-se como a chave para a convivência do conjunto de culturas na sociedade. O valor da solidariedade está na

cúspide axiológica para conceber-se uma Europa Unida apoiada no diálogo, na participação, na convivência (pedagogia do encontro), tolerância pela diversidade, autonomia e reciprocidade.

A cultura e a educação têm um papel fundamental para a concretização do entendimento real dos actores sociais e culturais diferentes (identidade na diversidade) procurando uma nova globalização ou uma identidade num mundo novo. Uma identidade em termos de uma "razão axiológica" baseada no encontro, na convivência, na solidariedade, no respeito e na tolerância. O contributo da pedagogia para os objectivos da "interculturalidade" parte do conhecimento e da discussão crítica de uma realidade que, desgraçadamente, põe em dúvida muitas tentativas ou medidas no entendimento entre os indivíduos e colectivos humanos com tradições culturais diferentes (Avancini, 1991; Ferdman, 1990; Galindo y Escribano, 1990).

## 2. A Proposta de uma pedagogia intercultural

A educação do intercultural implica um enfoque intercultural da educação (Aguado, 1991: 87-104), isto é, uma pedagogia intercultural incidente na cultura e na formação humana dos indivíduos. Esta pedagogia apoia-se no princípio de que a função básica da educação, identifica-se com o reforço do perfil cultural da comunidade ou da legitimidade duma cultura. Ela é um marco amplo que integra diversos enfoques, que estão em função da situação onde se realizam as acções educativas e a própria intervenção com objectivos específicos.

A pedagogia intercultural pretende o direito à diferença e, a partir daí, aprofundar na própria identidade cultural a valorização do "outro cultural" através do seu conhecimento e da compreensão, isto é, gerando um novo modelo de conheci-

mento mútuo de compreensão, de solidariedade e de cooperação desde a integração respeitosa das opções culturais (divergentes).

Aceitamos, tal como A. J. Colom Cañellas (1998), que "*o fundamento desta pedagogia é a comunicação intercultural*", isto é, se o Interculturalismo se baseia na relação entre culturas, obviamente que o sentido relacional e convivencial se concretiza em actos de comunicação (modo moral de agir do ser humano) (Habermas, 1987). Com efeito, o facto comunicativo, o diálogo e a relação (entre pessoas de diferentes culturas e condições sociais) é determinante nos processos de desenvolvimento intercultural. As dificuldades da comunicação e das relações pessoais e intergrupo dar-se-ão pela diversidade (linguística) e pela diferença cultural (Demorgeon, 1989: 77 ss.).

Evidentemente, se a pedagogia da interculturalidade se apoia na relação e na comunicação, a educação intercultural dar-se-á no "encontro" entre pessoas de diversas culturas, ou seja, este tipo de educação semeia o encontro intercultural, através de grupos interculturais. Neste sentido, poderá nascer uma consciência cultural (e moral) conseguida vivendo e "convivendo" experiências internacionais, já que na actualidade nos movemos num internacionalismo pedagógico distinto. Só através duma rede de pedagogias de "baixa densidade" conseguiremos a desejada solidariedade e consciência moral no pensar e no agir dos seres humanos (Flecha, 1992; Martins, 1997, 1998).

Reconhecemos, tal como A. J. Colom Cañellas (1998), que "*a pedagogia internacionalista com finalidade "intercultural" será um risco*", pois só os factos e a própria realidade de vida nos darão resultados evidentes. A pedagogia intercultural nem é normativa, nem contempla um discurso ético-moral e humanista claro, porque não se apoia nas ideias pré-concebidas de tolerância, solidariedade, ambientalismo, ecologia da compreensão humana e colectiva de modo a con-

seguir-se comunitariamente novas formas de vida pela descoberta de outras realidades e na cooperação e participação entre as mesmas (Clanet, 1990; Giroux e Flecha, 1992; Lluch y Salinas, 1996: 82 ss.).

A nova pedagogia que propomos para um projecto de escola que seja multicultural e/ou intercultural, fundamenta-se nas relações espontâneas, de convivência, de contactos interpessoais não sistematizados nem sob uma orientação estruturada (neste sentido o projecto da escola cultural integra-se nesta perspectiva). Possivelmente, pensamos que se trata de uma pedagogia da improvisação, deixando de ser pedagogia, mas o que não negamos é que o seu lugar é a realidade (a comunidade de pessoas e culturas) do quotidiano social e educativo, através dos "encontros" livres e espontâneos entre as pessoas (dimensão personalista e ética) e os grupos (sociabilidade).

Na verdade, não se trata de uma pedagogia intervencionista, o que punha em causa o carácter pedagógico da mesma. As práticas na educação intercultural configuram-se como no dizer de A. Colom Cañellas (1992: 67-85 e 1998), uma "*pedagogia de baixa densidade*", a qual rondará os parâmetros da educação informal ou não formal (Trilla, 1993), o que coincidiria com alguns objectivos da "escola cultural" (Patrício, 1997).

### **3. A educação intercultural enquadrada nas pedagogias de "baixa densidade"**

Iniciamos este ponto tentando explicar o que são "*pedagogias de baixa densidade*". Designamos estas pedagogias como uma "rede sistémica" de processos configuradores, pouco estruturados ou sistematizados, constituídas desde a própria realidade e quotidiano social e educativo (das pessoas, dos cidadãos, das instituições, dos grupos sociais e dos povos), o que implica conceber, no caso específico da escola, situações de convivên-

cia, relações interpessoais e de aprendizagem, mais próximo da educação "informal" ou "não formal" do que da educação "formal" [3].

Nestas situações, os processos e os sistemas de acções educativas não estão previamente pensadas, nem o protagonismo do professor ou do educador é determinante. Nelas não há nada "denso nem intenso", nem uma planificação instrutiva (objectivos, instrumentos pedagógicos, direccionalidade do processo ensino-aprendizagem, etc.) ou uma programação estruturada. Pelo contrário, são processos educativos espontâneos em situações pouco estruturadas ou planificadas. Não é a alta densidade ou a intensidade pedagógica dos resultados o que mais importa no imediato, mas sim, gerar uma eficácia no tempo, ao estilo de um processo aquisitivo lento, gradual e irreversível, como são as situações e contextos de "baixa densidade", que alastra, configurando pessoal e socialmente o sujeito, a comunidade, o grupo, a região e o país (Colom Cañellas, 1991, 1992 e 1998).

Não há neste tipo de pedagogias nenhum pleonasma devido ao próprio significado do termo "pedagogia", ao não inserir, de modo estruturado, estratégias e técnicas de tipo didáctico, em ambientes formalizados. Apresentam situações pedagógicas de "baixa densidade" típicas da educação informal e não-formal (Trilla, 1993), cumprindo funções educativas em ambientes naturais e reais indo ao encontro dos interesses e motivações das crianças. São "pedagogias" que produzem efeitos directos sobre os protagonistas da educação, potencializam a capacidade transfereencial para com sujeitos não implicados directamente (pais, familiares, amigos, as instituições sociais, etc.). Este "transferi" comunicacional e pedagógico dá-se ao nível axiológico, destacando as questões éticas e morais, da paz, do civismo, do meio-ambiente, da saúde, da participação na comunidade, do turismo, no trabalho, etc. (Martins, 1997, 1998).

O conceito de "baixa densidade" especifica uma definição positiva de que a "pedagogia de baixa densidade" é fundamentalmente uma pedagogia do encontro, da convivência pessoal, das relações e do diálogo. Evidentemente, se analisarmos os conceitos "encontro", "convivência", "relações" e "diálogo", compreendemos que todos eles se devem realizar em situações não forçadas, apesar de só podermos planificar os contextos aparentemente facilitadores dessas situações (Colom Cañellas, 1992: 80-84).

Só em contextos de "baixa densidade" pedagógica conseguimos realizar, de modo natural e efectivo, os aspectos educativos da "interculturalidade" pelo encontro (culturas), tendo os seguintes objectivos pela aproximação: afectiva, emocional, sensitiva e relacional entre as pessoas de diferentes culturas e origens sociais; pela empatia, pela convivência interpessoal; pelas tarefas comunitárias devidamente elaboradas e realizadas em comum; pela criatividade, imaginação, motivações e interesses comuns; pelo desporto, jogos, actividades lúdicas e recreativas, certames culturais, etc.

De facto, distinguimos as seguintes situações facilitadoras de uma "pedagogia de baixa densidade", considerada esta como uma pedagogia do "encontro", da "convivência" e das "relações" [4]:

(a) para as crianças e para a juventude: actividades de tempos livres, grupos e campos de trabalho de verão, acampamentos nacionais e internacionais, o escutismo, os certames culturais e pedagógicos no âmbito de um determinado "projecto", os encontros (seminários, congressos, reuniões,...) políticos, sociais e culturais da juventude, os saraus de música, as bolsas de estudo e programas de intercâmbio para estudantes e entre escolas, os clubes na escola cultural, as viagens de estudo, as viagens de recreio e lazer, as visitas de estudo, etc.

(b) para adultos: os encontros e certames de carácter empresarial, comercial e de marketing (viagens de negócios, convenções, apresentação de produ-

tos, feiras e exposições, reuniões, etc.); encontros e certames de índole político e sociocultural (comissões de trabalhadores, associações com fins variados, as reuniões e os intercâmbios, os congressos e os certames de temáticas diversos, ...); os certames de índole científico-tecnológica (seminários, "master", reuniões, congressos, etc.); os encontros culturais, os eventos desportivos e recreativos (por exemplo, os "Jogos sem Fronteiras"); etc.

(c) comum a todos os escalões etários: o desporto, as festas culturais e populares, o turismo (rural e ambiental), a imprensa e os meios de comunicação social, etc.

Todas estas situações são acompanhadas por uma aproximação cultural e cognitiva, apoiados na informação (técnicas, meios audiovisuais, livros, guias, painéis, ...) e na comunicação dialógica (Giroux 1992) e personificada, de modo a permitir a aceitação de realidades culturais diferentes. Aquela pedagogia não se apoia no "a priori" da cooperação e da participação, mas essencialmente em levar as pessoas a actuar em situações reais, com espontaneidade, e manifestando solidariedade e tolerância para com os "outros" (consciência moral). Além disso, deverá contribuir para que as crianças e os jovens sejam autênticos protagonistas activos, praticando experiências, comunicando e convivendo, através da indagação, do descobrimento de necessidades, de opiniões, de motivações e de ideias, que minimizem as diferenças, os conflitos e os desvios sociais.

Nesta rede de "baixa densidade", a prática educativa nas diversas situações de "encontro" expressa uma forma ideal para a comunicação e a compreensão da interculturalidade. Contudo, em muitos desses contextos necessita-se de monitores ou educadores (animadores sócio-comunitários) para essas realizações "interculturais", com uma formação específica para esses fins. A União

Europeia patrocina programas educativos para "encontros interculturais", havendo organismos ao nível nacional e europeus que proporcionam esses intercâmbios juvenis.

Creemos que o turismo (rural, ambiental, cultural) e a pedagogia empresarial constituem uma prática efectiva de pedagogia de "baixa densidade" no âmbito regional, nacional, europeu e internacional, abrangendo o primeiro, todos os níveis etários da população, e o segundo, sectores sociais e económicos específicos, com uma maior ou menor mobilidade e sociabilidade. Dissemos que a pedagogia que propomos em termos de interculturalidade baseia-se nas "relações", na "convivência", na possibilidade comunicativa e de participação de pessoas da mesma cultura ou de diferentes culturas.

A. J. Colom (1992; 1998) considera, com razão, que o turismo deve entender-se como uma estratégia facilitadora dos "encontros", das "relações interpessoais", do contacto e da comunicação humana, pondo em interacção as pessoas e os povos de diferentes culturas, sob esquemas próprios das pedagogias de "baixa densidade". No turismo não ocorrem situações impostas por iniciativa externa ou por metodologias intervencionistas (mais ou menos programadas), mas sim situações espontâneas, pela vontade própria, pela abertura pessoal. O turismo deve considerar-se não só um pólo de desenvolvimento económico, mas um mediador do desenvolvimento intercultural entre as pessoas, os povos e as culturas.

A "pedagogia empresarial", na sociedade de economia de mercado e de livre circulação de produtos e de pessoas, apresenta-se também como um exemplo de "pedagogia de baixa densidade". As relações existentes entre o mundo económico e empresarial e o da educação são enormes, por isso a pedagogia empresarial ao ocupar-se dos fenómenos formativos nos contextos económicos e empresariais, constitui, tal como o turismo campos de interesse para as ciências da educação.

## A MODO DE CONCLUSÃO SEM CONCLUIR

Em consequência do que expusemos, a nossa proposta pedagógica não se apoia numa mera introdução de discurso ético nos currículos na escola, nem de actividades de prática pedagógica na aula, pois não pretendemos criticar esta posição. Pelo contrário, sabemos que a criança ao longo da sua escolaridade vai-se absorvendo de imagens, informações, representações, de arquétipos, etc., onde os valores da solidariedade, da participação, da defesa do meio-ambiente, da moralidade dos actos, do respeito e civismo, da cooperação e do sentido de responsabilidade, devem constituir os elementos configuradores de todo o discurso pedagógico ao nível formal ("pedagogias de alta densidade" ministradas nas instituições escolares) e ao nível não formal, de modo a serem influxos determinantes para a sua formação pessoal e social.

O sentido da educação multicultural e/ou intercultural desenvolve estratégias, material didáctico, programas de integração, utilização de métodos activos e participativos, recursos e recomendações pedagógicas típicas da aula e da escola (Jordan, 1997), além do diálogo, da comunicação entre as diferentes culturas, da solidariedade orientada a todos (indivíduos, grupos, povos e culturas) sem distinção e exclusão.

A nossa crítica dirige-se à dúvida de se tais modificações ou inclusões curriculares são suficientes para se poder desenvolver e alcançar uma educação intercultural. Por isso, consideramos primordial a existência da relação tri-sistémica (Escola - Família - Sociedade) e, em especial no Projecto Escola (comunidade local), a promoção do "encontro" de experiências vividas entre os grupos de diferentes culturas e de diferente níveis sociais, se bem que os intercâmbios não asseguram o concernente processo de interculturalidade, já que favoreceria as relações subjectivas e egocêntricas (Colom Cañellas, 1998; Admiral & Lipianski, 1989: 157).

Da análise efectuada deduzimos a seguinte evidência expressa nestes termos: é preciso reconhecermos a complexidade multicultural e pluralista nas sociedades pós-modernas. Reconhecer este facto é aceitar implicitamente que, à nossa volta, existem minorias, desigualdades (sociais e culturais), exclusão social e as maiorias. Uns aspiram a reafirmar a sua identidade social e cultural, para eliminarem as desigualdades e diferenças, enquanto as maiorias pouco partidárias do pluralismo, intentam manter o seu domínio (Flecha, 1992).

Nas sociedades modernas cabe ao sistema educativo ter um papel crucial para alcançarmos o "encontro" entre maiorias e minorias e lutar-se contra as desigualdades, desvios sociais, racismo, xenofobia, etc. A educação é a esperança num futuro onde a compreensão e a solidariedade sejam as bases das relações entre os homens e os povos. Para tal necessitamos que o sistema educativo assuma o princípio fundamental da igualdade de oportunidades para todos, isto é, o direito a ser diferente. Deste modo o sistema educativo deve integrar princípios básicos como:

- \* – dar resposta aos problemas educativos e de identidade cultural das minorias, dos inadaptados e dos excluídos;
- \* – garantir que o processo educativo responda às necessidades e às motivações educativas derivados da diversidade humana dentro da mesma cultura e entre culturas;
- \* – atender educativamente às novas "minorias" e "excluídos" (por exemplo os analfabetos funcionais, os desempregados, a terceira idade, ...) originadas pelas constantes mutações na sociedade, devido ao confronto entre cultura do progresso (científico, tecnológico e da informação).

A educação intercultural constitui a alternativa que, garantindo os direitos a ser diferente, possibilita o respeito pelas minorias e a comunicação entre as culturas dum determinado contexto (Abdallah-Pretceille, 1990).

No nosso âmbito geográfico europeu o horizonte que se avizinha é a construção de "um espaço cultural europeu", onde a educação constitui o único passaporte válido de acesso. Todos os estados membros estão obrigados a preparar os jovens para esse desafio da "Europa do amanhã" promovendo o Interculturalismo como estratégia de formação (pessoal e social) dos indivíduos para uma ética internacionalista e uma "cidadania europeia" (CERI/OCDE, 1987).

O objectivo desta corrente educativa pretende que a escola seja o instrumento construtor duma sociedade intercultural que permita conseguir o respeito mútuo e a solidariedade entre os indivíduos e povos e uma maior igualdade ou equilíbrio social (sociedade do bem-estar). Evidentemente, que o meio social e educativo é uma das fontes da intolerância, mas também as desigualdades e diferenças sociais, económicas e legais são a raiz das causas da intolerância. Por isso, necessita-se que a União Europeia estabeleça políticas sociais e económicas solidárias que minimizem as diferenças e as desigualdades entre as regiões e estados membros para uma nova ordem internacional (CERI/OCDE, 1989).

No plano educativo exige-se uma renovação dos fins, conteúdos e métodos de ensino nos sistemas educativos dos diversos países, que permita o "encontro" entre homens, povos e culturas. A educação intercultural constitui a estratégia apropriada para essas metas. Em modo resumido os objectivos em relação aos problemas sociais e educativos poderiam ser os seguintes:

- \* – fomentar a compreensão e o respeito entre os indivíduos, povos e culturas, a fim de mudar o etnocentrismo das relações actuais por atitudes de "encontro", diálogo, colaboração e solidariedade; é fundamental que pela educação intercultural se reconheça o direito de todo o ser humano e todo o povo a ser diferente, respeitando-se-lhe e valorizando-se-lhe a sua cultura.

- \* – facilitar os meios para que todos os indivíduos possam alcançar a sua identidade cultural.
- \* – assumir, como princípio básico educativo, os direitos do homem e da criança, sendo a “escola” o lugar ideal para essa formação ético-moral, social e cívica.
- \* – formar nos homens e nos povos uma consciência social e moral justa e solidária, para se compreender as desigualdades humanas, as diferenças entre os países, de modo a colaborarem numa nova ordem internacional e de solidariedade.
- \* – integrar no sistema educativo a educação dos sujeitos com necessidades especiais.
- \* – impedir os efeitos que o progresso e o desenvolvimento científico-tecnológico produza sobre determinados grupos humanos; cabe ao sistema educativo gerar atitudes de sensibilidade aos problemas do homem, do “meio-ambiente” e do modo de viver no contexto da civilização actual.

Os países da União Europeia não podem apresentar o fenómeno educativo da interculturalidade ao estilo de uma “salada de frutas” (um pouco de tudo), nem como se fosse um crisol (“*melting-point*”) onde se fundem aleatoriamente as diversas culturas (Martins, 1997: 301-318; Ouellet, 1991; Puig, 1991). Exige-se uma interacção dinâmica entre os sistemas educativos de todos os países, pela qual nasça uma alternativa educativa (ao nível curricular, fomentar o “encontro” entre as pessoas e aumentar os laços, as relações e a convivência entre os povos e as nações) (Banks, 1981; Cortesão e Pacheco, 1991; Jordan, 1994). As pedagogias das culturas serão sempre uma pedagogia de consenso, da aproximação e da aceitação do outro sem renunciar ao próprio. Daí que as pedagogias multi-e-intercultural devem fazer parte da cultura do nosso sistema educativo, da mentalidade dos professores e dos povos. Só assim, se conseguirá o desafio supranacional, que

é a Europa, sem a perda de identidade de cada povo ou Estado. Essa pedagogia para a Europa deverá afrontar a diversidade cultural e a necessidade de as compreender (ecologia da compreensão humana e colectiva), pelo “encontro” (*pedagogia do “encontro”*), pelo consenso dos valores em comum, pela tolerância, abrindo um caminho à identidade cada vez mais participada e à supressão das desigualdades.

Finalmente, resta-nos dizer que a nossa reflexão pretendeu estabelecer um marco de referência orientativo de estudos e debates que nos dão mais luz aos problemas das diferenças, das desigualdades, da identidade e principalmente da implementação da educação intercultural no “*Projecto Escola*”, em que a Escola seja para todos e aberta à diversidade, sem haver dois tipos de alunos, de processos, de métodos, etc. À escola cabe promover a interculturalidade, sendo por um lado, “escola cultural” da integração e, por outro lado, vinculada à comunidade envolvente, à região, ao país e à Europa, mas aceitando as exigências gerais de formação duma consciência moral, atitudes de compreensão e de solidariedade entre os jovens e as pessoas.

## BIBLIOGRAFIA

- ABDALLAH-PRETCEILLE, M. (1990). *Vers une pédagogie interculturelle*. Paris: Public. de la Sorbone et Institut Nat. de Recherche Pédagogique.
- AGUADO, T. M. (1991). “La Educación Intercultural: concepto, paradigma y realizaciones”. En M.C. Jimenez Fernández (coord.), *Lecturas de Pedagogía Diferencial*, (pp. 87-104). Madrid: Dykinson.
- AVANZINI, G. (1991). *L’“école, d” hier à demain*. Toulouse: Eres.
- BANKS, J. (1981). *Multiethnic Education. Theory and Practice*. Boston: Allyn & Bacon
- CERI - OCDE (1987). *L’“éducation multiculturelle*. Paris: Publ. OCDE /CERI.

- CERI - OCDE (1989). *L'écoles et les cultures*. Paris: Public. OCDE /CERI.
- CLANET, C. (1990). *L' intercultural*. Toulouse: Press Universitaires du Mirail
- COLECTIVO AMANI (1994). *Educación Intercultural. Análisis y resolución de conflictos*. Madrid: Ed. Popular.
- COLOM CAÑELLAS, A. J. (1991). "Internacionalismo e Interculturalismo. Aproximación a las pedagogías de baixa densidad". Conferência Inaugural no III Congresso Nacional de Teoría de la Educación, celebrado entre 7 a 9 de Março en Madrid (Universidad Complutense).
- COLOM CAÑELLAS, A. J. (1992). "Identidad Cultural y Proyectos Supranacionales de Organización Social". In *Actas del X Congreso Nacional de Pedagogía (SEP) - "Educación Intercultural en la Perspectiva de la Europa Unida"*, Tomo 1, (pp. 67-85). Salamanca.
- COLOM CAÑELLAS, A. J. (1998). "Internacionalismo Pedagógico, Pedagogias de Baixa Densidade e Educação Europeia". *Educare, Educere*, Ano III, n.º 4.
- CORTESÃO, Luísa e PACHECO, Natércia A. (1991). "O Conceito de Educação Intercultural. Interculturalismo e Realidade Portuguesa". *Inovação*, Vol. 4, n.º 2-3, pp. 33-44.
- DEMORGEON, J. (1989). *L'exploration interculturelle. Pour une pédagogie internationale*. Paris: Armand Colin.
- FERDMAN, B. M. (1990). "Literacy and Cultural Identity". *Haward Educational Review*, 60 (2), pp. 181-204.
- FERGUSON, Robert (1998). "El interculturalismo global y los dilemas del universalismo: educando en medios después del 2000". *Dialogos de la Comunicación*, 52, pp. 19-30.
- FLECHA, Ramón (1992). "Desigualdad, Diferencia e Identidad: Más allá del Discurso de la Diversidad". In *Actas del X Congreso Nacional de Pedagogía (SEP) - "Educación Intercultural en la Perspectiva de la Europa Unida"*, T. 1, pp.169-181.
- FORD, Aníbal (1999). *La marca de la Bestia. Identificación, desigualdades e infoentretenimiento en la sociedad contemporánea*. B.Aires: Norma.
- GALINDO, A. y ESCRIBANO, A. (1990). *La educación intercultural en el enfoque y desarrollo del curriculum*. Madrid: Narcea
- GIROUX, H. A. (1992). *Border Crossings: Cultural Workers and the Politics of Education*. London: Routledge.
- GIROUX, H. A. y FLECHA, R. (1992). *Igualdad educativa y diferencia cultural*. Barcelona: Roure.
- HABERMAS, J. (1987). *Teoría de la Acción Comunicativa. Racionalidad de la Acción y Racionalización social*. Madrid: Taurus
- HABERMAS, J. (1988). *La crisis del estado de bienestar y el agotamiento de las energías utópicas ensayos políticos*. Madrid: Península.
- HABERMAS, J. (1990). *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: Publ. Dom Quixote
- HOLMES, B. (1980). *Diversity and unity in education*. London: G. Allen & Unwin
- JORDAN, J.A. (1992). *L' educació multicultural*. Barcelona Ceac.
- JORDAN, J.A. (1994). *La Escuela Multicultural. Un reto para el profesorado*. Madrid: Paidós.
- JORDAN, J.A. (1997). *Propuestas de educación intercultural para profesores*. Barcelona: Ceac.
- KALANTZIS, M. et al. (1990). *Culture of Schooling: pedagogies for cultural differences and social access*. London: Falmer Press.
- LADMIRAL, R. et LIPIANSKY, M. (1989). *La Communication interculturelle*. Paris: Ed. Armand Colin.
- LANTERNARI, V. (1986). *Identità e differenza: percorsi storico - antropologici*. Napoles: Ed. Ligouri.
- LLUCH, X. y SALINAS, J. (1996). "Uso (y abuso) de la interculturalidad". *Cuadernos de Pedagogía*, n.º 252 (Nov.), pp. 80-84.
- MARÍN IBAÑEZ, R. (1992). "Educación Multicultural e Intercultural". En *Actas del Congreso Internacional de Educación Multicultural*. Madrid: Publ. Uned.
- MARTINS, Ernesto C. (1997). "A Educação Intercultural e a Formação dos Professores na Perspectiva da Europa Unida". *Educare, Educere*, (Número Especial), Ano II, n.º 3, pp. 301-318.
- MARTINS, Ernesto C. (1998). "Desigualdade e identidade no discurso da diversidade. A educação intercultural como uma "pedagogia de baixa densidade". (Comunicação). *Actas do V Congresso da AEPEC - "Globalização e Diversidade. A Escola cultural, uma resposta"* (Évora de 9 a 11 de Setembro) (Documento fotocopiado, pp. 21).
- MARTINS, Ernesto C. (1999, 5 de Agosto). "Um novo desafio educativo: Interculturalismo" *Educação & Cultura & Escola - O triângulo formativo* (Suplemento - Diário do Sul), n.º 8279, p. 9.

- MARTINS, Ernesto C. (Março, 2001). "A Pedagogia Intercultural". *Ensino & Magazine* (Reconquista), Ano IV, n.º 37, p. 12.
- MONTANI, M. (1991). "L' Universalismo Culturale: identità che si coniugano con alterità". *Orientamenti Pedagogici*, n.º 224, pp. 319-326.
- MUÑOZ SEDANO, A. (1990). "L'escuela intercultural dins dels models organitzatins de l'escuela del sègle XX". *Actas del Seminario Europeo - "Hacia una educación intercultural"*, (pp. 23-34). Valencia: Consellería de Cultura.
- MUÑOZ SEDANO, A. (1997). *Educación Intercultural. Teoría y práctica*. Madrid: Editorial Escuela Española.
- OUELLET, F. (1991). *L' éducation interculturelle*. Paris: L'Harmattan.
- PATRÍCIO, M. Ferreira (1997). *A Escola Cultural. Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. (2.ª ed.). Lisboa: Texto Editora.
- PORCHER, L. (1989). *L' éducation des enfants des travailleurs migrants en Europe: l'interculturalisme et la formation des enseignants*. Strasbourg: Conseil de Europe.
- PUIG, G. (1991). "Hacia una pedagogia intercultural". *Cuadernos de Pedagogia* (Barcelona), n.º 196, pp. 12-18.
- SOUTA, L. (1991). "A Educação multicultural". *Inovação*, Vol. 4, n.º 2-3, 45-52.
- TRILLA, Jaume (1993). *La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ed. Ariel.
- TODD, R. (1991). *Education in multicultural society*. London: Cassell.
- TOURAINE, A. (1995). "¿Qué es una sociedad multicultural?". *Claves de Razón Práctica*, n.º 56, pp. 14-25.
- UNESCO (1998). *World. Culture Report. Culture, creativity and market*. Paris: Unesco.
- WILLIS, P. (1990). *Common Culture Symbolic Work at Play in the Everyday Cultures of the Young*. Boulden: West View Press.
- ZABALZA BERAZA, M. A. (1992). "Implicaciones curriculares de la educación intercultural". En *Actas do X Congreso Nacional de Pedagogia (SEP) - "Educación Intercultural en la Perspectiva de la Europa Unida"*, Tomo 1, (pp. 329-349).

## NOTAS:

[1] – O conceito "intercultural" contem o significado da intencionalidade da unidade na diversidade cultural, das atitudes e comportamentos sintonizantes com os princípios ético-morais do entendimento e solidariedade humana entre pessoas e povos de diferentes culturas. O "Interculturalismo" deve ser entendido por um lado, como interação, reciprocidade, intercâmbio, abertura, aproximação, convivência e solidariedade efectiva e, por outro lado, o reconhecimento de valores, modos de vida, costumes, representações simbólicas na mesma cultura ou entre culturas diferentes. Assim, o Interculturalismo é uma inter-relação sistémica mais complexa (relações entre os subsistemas) em que os sistemas culturais influem nos sistemas educativos, na medida que partilham ambos de objectivos aceites que definem estratégias para favorecer o "Interculturalismo". Deve-se valorizar as diferentes culturas como fonte de enriquecimento e não como hierarquias de boas, más e mediocres, que provocam desigualdades.

[2] – A pedagogia de "baixa densidade" integra o conceito "pedagogia" (em termos de pedagogia cultural, antropologia pedagógica e psicopedagógica das relações humanas) ao respeitar a diversidade dos povos, *culturas* e as realidades que a integram (apoio a eliminar as desigualdades, a exclusão e certas manifestações sociais de desequilíbrio na sociedade).

[3] – Trata-se da educação curricular existente nas escolas públicas e particulares (sistema educativo) com uma planificação e organização pedagógica própria, cuja pedagogia pela sua vertente sistematizadora e normativa do acto educativo, integra as chamadas "pedagogias de alta densidade".

[4] – A pedagogia das relações, apoiando-se na realidade, nas experiências, nas vivências e nas trocas de valores entre os intervenientes, apresenta-se como uma "pedagogia de baixa densidade" com o intuito de criar um clima ou ambiente de configuração ou formação humana, de favorecer o conhecimento de nós próprios e dos "outros" e dos modos como agimos e actuamos (acção) e de permitir a integração e a convivência.

[5] – Mencionamos o Centro Europeu da Juventude, o Fundo Europeu para a Juventude, o Fórum Juventude das Comunidades Europeias, a Oficina Europeia de Coordenação das Organizações Internacionais da Juventude, a Associação Europeia de Informação e Aconselhamento para Jovens - ERYCA, etc. (Colom, 1998).